

TL

Júlio Suzuki
pós

8 cop.

Texto 16

GEOUSP

Revista da pós-graduação em Geografia

N. 1

Júlio César Suzuki

Humanitas FFLCH/USP
1997

NA BUSCA DOS MOMENTOS, A DESCOBERTA DA TRANSIÇÃO: O ESTUDO DA URBANIZAÇÃO DE RONDONÓPOLIS-MT

Júlio César Suzuki
Departamento de Geografia - USP

RESUMO:

No estudo de caso sobre a urbanização de Rondonópolis, procurou-se compreender a gênese da ocupação do espaço rondonopolitano, diferenciar as formas de apropriação privada da terra nesse processo, marcar a importância do Estado na urbanização de Rondonópolis e relacionar a influência que as transformações na apropriação privada da terra, bem como nas relações sociais de produção, tiveram no modo de vida dos moradores do aglomerado; superando reducionismos presentes em estudos sobre a transição do rural ao urbano, que em grande parte, focalizam apenas o crescimento populacional e a expansão da malha urbana, ao incorporar a expansão da propriedade privada, as relações sociais de produção e a ação administrativa do Estado na transição do rural ao urbano e de povoado a cidade, indicando que o processo de urbanização é marcado por rupturas, heranças do passado e germes do futuro.

PALAVRAS CHAVE:

Campo-cidade, rural-urbano, Mato Grosso, urbanização, frente pioneira.

RÉSUMÉ:

Étudiant le cas de l'urbanisation de Rondonópolis, on a cherché à comprendre la genèse de l'occupation de l'espace rondonopolitano; à faire la différenciation des formes d'appropriation privée de la terre dans ce processus; à marquer l'importance de l'État dans l'urbanisation de Rondonópolis et à relier l'influence que les transformations dans l'appropriation privée de la terre et dans les relations sociales de production ont eu dans le mode de vie des habitants de l'agglomération. On a essayé de refuser les réductionnismes des études sur la transition du rural à l'urbain, qui en majeure partie, envisagent seulement l'augmentation de la population et l'expansion du tissu urbain, au moment d'incorporer l'expansion de la propriété privée, les relations sociales de production et l'action administrative de l'État dans la transition du rural à l'urbain et du village à ville, indiquant que le processus de l'urbanisation est marqué par des ruptures, héritages du passé et germes de l'avenir.

MOTS CLEF:

Champ-ville, rural-urbain, Mato Grosso, urbanisation, front pionnier.

A busca de se compreender o processo de urbanização de Rondonópolis, aglomerado surgido às margens do rio Vermelho (um afluente do rio São Lourenço que pertence à bacia do Paraguai) iniciou-se, ainda, durante a graduação, quando realizei alguns levantamentos que foram apontando para uma completa inexistência de uma explicação que desse conta do processo de urbanização de Rondonópolis como um todo. Não havia ainda um trabalho acadêmico centrado na gênese da cidade de Rondonópolis nem no processo de ocupação regional.

Esses levantamentos realizados durante a graduação me possibilitaram perceber que Rondonópolis passara por um crescimento demográfico bastante acentuado de 1950 a 1980. No discurso corrente, esse crescimento demográfico foi relacionado ao crescimento econômico do lugar, sem haver um estudo mais aprofundado que constituísse a relação entre o plano da demografia e o das atividades econômicas.

Quanto às atividades econômicas, era salientado que Rondonópolis passara por momentos importantes na produção agrícola, ora

na produção de arroz, ora na produção de algodão, ora na produção de soja. Não fora feito ainda a reconstrução histórica da produção agrária do lugar, valorizando a articulação dessa história com a transformação de seu volume e ampliação de sua área de comercialização.

Naquele momento da graduação, pouco ainda se conhecia sobre a expansão urbana de Rondonópolis, pois nenhum estudo havia considerado esse aspecto do crescimento da cidade, mas saltava aos olhos que deveria haver alguma razão para tantos loteamentos, tantos lotes vazios e a existência às vezes de loteamentos inteiros sem edificações.

O grande problema dos estudos até então realizados era a completa ausência de um aprofundamento da História do lugar, anterior ao desmembramento municipal. A grande desculpa era a de que não havia fontes disponíveis.

Essa lacuna na reconstituição da História de Rondonópolis conduziu a uma interpretação evolucionista, não sendo possível perceber que não havia um único ritmo no desenvolvimento demográfico e econômico do lugar.

No entanto, no trabalho de Luci Léa Lopes Martins Tesoro, *Rondonópolis-MT: um entroncamento de mão única; O processo de povoamento e de crescimento de Rondonópolis na visão dos pioneiros (1902-1980)*¹, descortinou-se um contraponto às discussões demográfica e econômica correntes, pois se provou que nem sempre houvera crescimento no número de moradores do aglomerado nem das atividades econômicas. Marcara, a autora, ter havido, até a década de 40, grande oscilação demográfica e econômica, apontando que o processo de urbanização de Rondonópolis não fora contínuo, homogêneo ou linear².

Somente após o final da década de 40, não há mais redução no número de moradores nem no

volume da produção agrária total, mesmo havendo alterações quanto às espécies cultivadas que vão se adequando ao mercado que se amplia.

As transformações pelas quais passou o aglomerado ainda foram reconhecidas por Tesoro através da identificação de "duas formas de vida", sendo que na primeira os moradores buscavam apenas sobreviver, enquanto na segunda, novos moradores, migrantes procedentes de vários lugares, pretendiam enriquecer-se e fazer crescer o povoado de Rondonópolis.³

Partindo, então, da existência de "duas formas de vida", procurei relacioná-las ao processo de urbanização, preocupando-me em distinguir categorias de análise que pudessem instrumentalizar a pesquisa, já que apenas a quantificação da variação demográfica, do crescimento das atividades econômicas, ou a expansão urbana, não poderiam elucidar a determinação da ocupação das terras rondonopolitanas nem explicar o processo de urbanização.

Fugindo então das explicações correntes, incorporei à pesquisa a análise da ação administrativa do Estado, da expansão da propriedade privada e da transformação das relações sociais de produção.

Nesse momento da pesquisa, já tinha em mente distinguir a urbanização em dois momentos: o de povoado e o de cidade. Para tanto, foi necessário utilizar uma noção mais abrangente que incorporasse esses dois momentos. A noção escolhida foi a de aglomerado, pois assim poderia salientar a concentração de moradores e atividades no lugar, podendo então discutir as transformações demográficas e econômicas, inseridas no processo de expansão da propriedade privada da terra e de mudanças nas relações sociais de produção.

O sentido da análise, como se pode perceber, não estava fechado no início da pesquisa, foi se reestruturando no desenvolvimento da compreensão do processo de urbanização de Rondonópolis.

Não tinha em mente, no início da pesquisa, quais seriam as categorias que me ajudariam a interpretar a realidade em que me debruçava. O encontro com as categorias foi se dando lenta e progressivamente. O ponto de partida foi a tomada de conhecimento das noções de frente de expansão

1 - Luci Léa Lopes Martins Tesoro, *Rondonópolis-MT: um entroncamento de mão única; O processo de povoamento e de crescimento de Rondonópolis na visão dos pioneiros (1902-1980)*, São Paulo, FFLCH-USP, 1993, 2.v., Tese de Doutorado.

2 - Henri Léfèbvre afirma que: *O historiador e o sociólogo não podem admitir a hipótese de uma evolução contínua (...)* (Na tradução espanhola: *El historiador y el sociólogo no pueden admitir la hipótesis de una evolución continua (...)*) (Henri Léfèbvre, *De lo rural a lo urbano*, Barcelona, Península, 1975, p.33).

3 - Luci Léa Lopes Martins Tesoro, *op. cit.*, p.197.

e frente pioneira, com a leitura de autores como: Pierre Monbeig ⁴, Leo Waibel ⁵, Otávio Guilherme Velho ⁶ e José de Souza Martins ⁷, que me possibilitaram perceber que a análise da frente de expansão e da frente pioneira nada mais é do que a análise da expansão da fronteira interna, através do movimento de expansão demográfica e econômica, distinguida essa expansão, por Arthur Nelva, como fronteira demográfica e fronteira econômica ⁸.

Uma importante observação é necessária. A frente de expansão foi mais estudada pelos antropólogos que salientaram em seus estudos o confronto interétnico. Os geógrafos estudaram mais a frente pioneira e tiveram como referência o confronto entre o empresário, o fazendeiro, o comerciante e o pequeno agricultor moderno e empreendedor ⁹.

A distinção das categorias de frente de expansão e de frente pioneira alcançou uma construção mais elaborada em José de Souza Martins, para o qual a frente pioneira está vinculada à incorporação de novas terras pela economia de mercado, havendo mercantilização da terra, enquanto que a frente de expansão se integra pela absorção de excedente demográfico que não pode ser contido dentro da fronteira econômica e pela produção de excedentes que se realiza como

4 - Pierre Monbeig, *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*, São Paulo, Martins, 1940; Pierre Monbeig, *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*, São Paulo, Difel, 1957; Pierre Monbeig, *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*, São Paulo, Hucitec, 1984.

5 - Leo Waibel, *Capítulos de Geografia Tropical*, 2.ed., Rio de Janeiro, IBGE, 1979.

6 - Otávio Guilherme Velho, *Frentes de expansão e estrutura agrária; Estudo do Processo de Penetração numa Área da Transamazônica*, Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

7 - José de Souza Martins, *Capitalismo e Tradicionalismo*, São Paulo, Pioneira, 1975; José de Souza Martins, A reprodução do capital na frente pioneira e o renascimento da escravidão no Brasil, *Tempo Social*, São Paulo, FFLCH-USP, 6 (1-2):1-25, junho de 1995; José de Souza Martins, O tempo da fronteira — Retorno à controvérsia sobre o tempo da frente de expansão e da frente pioneira, *Tempo Social*, São Paulo, FFLCH-USP, 8(1):25-70, maio de 1996.

8 - José de Souza Martins, *Capitalismo e tradicionalismo*, op. cit., p.45.

9 - José de Souza Martins, O tempo da fronteira — Retorno à controvérsia sobre o tempo da frente de expansão e da frente pioneira, op. cit., p.27-8.

mercadoria, havendo o uso privado de terras devolutas.¹⁰

Essa distinção entre frente de expansão e frente pioneira foi bastante significativa em aguçar meu olhar para perceber que as relações mercantis, a mercantilização da terra e o trabalho assalariado não se estabeleceram quando da chegada dos primeiros migrantes, oriundos de Goiás.

Nas terras rondonopolitanas, em um primeiro momento, os migrantes chegavam e se apropriavam das terras devolutas. Esses migrantes, por não produzirem tudo de que necessitavam, precisavam ir a Cuiabá trocar parte da produção agrária por outros produtos, como o sal. Esses migrantes, que eram goianos, realizaram economia do excedente ¹¹, com o uso de trabalho familiar.

As relações mercantis foram se ampliando com a ação de pequenos comerciantes, a presença de balsas e a comercialização com a Capital. No entanto, o retrocesso demográfico posterior a 1930, foi restringindo a ampliação das relações mercantis que só voltaram a se estabelecer após o final da década de 40.

Contribuindo para melhorar a comunicação entre o povoado de Rondonópolis e outros lugares, possibilitando a comercialização da produção agrária que também passava a se ampliar a partir do final da década de 40, são melhorados os caminhos construídos e as estradas de rodagem; estas com base em caminhos outrora abertos.

Esse momento, de final da década de 40 até 1960, é bastante significativo no crescimento demográfico de Rondonópolis, tanto da cidade, quanto do município. Esse crescimento demográfico foi motivado pela doação de terras nas colônias agrícolas, o que também contribuiu para o aumento na produção agrária.

Esse momento, também, é bastante significativo no que toca à expansão urbana, pois é na década de 60 que foram aprovados os primeiros loteamentos privados de Rondonópolis, sendo que até então havia apenas um quadrilátero inicial;

10 - José de Souza Martins, *Capitalismo e tradicionalismo*, op. cit., p.45-53.

11 - A análise da economia do excedente foi muito bem posta por José de Souza Martins em duas de suas publicações: *Capitalismo e tradicionalismo* e *O tempo da fronteira — Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira*; ambas anteriormente citadas.

definido, em 1918, por Otávio Pitaluga, e ampliado, em 1947-48, por Domingos de Lima, e a Vila operária, loteada por Daniel Martins Moura, no final da década de 50.

Na década de 60, são registrados vários loteamentos, apontando para a constituição de um mercado imobiliário. No entanto, havia ainda doação de terrenos na cidade, como atrativo para incentivar a migração.

Ao mesmo tempo que isso acontecia na cidade, as relações de trabalho no campo começam a se alterar com a presença de arrendatários e de trabalhadores assalariados, mas ainda predominando o trabalho familiar.

Dessa forma, pude perceber que Rondonópolis estava passando, desde o final da década de 40, pela sobreposição da frente de expansão pela frente pioneira.

No entanto, essa sobreposição não se dava de forma brusca, mas com a transposição lenta de características: doação e mercantilização de terras, trabalho familiar e trabalho assalariado, economia do excedente e economia comercial. Assim, mesmo aceitando que o momento de frente de expansão fosse gênese do momento de frente pioneira, não podia olvidar essa coexistência de características, resíduos de outros tempos e germes do futuro.

Foi então que percebi não serem as frentes tão distintas como pensara na primeira fase da pesquisa. Havia tempos históricos que se misturavam em um mesmo tempo cronológico, ou seja, coexistiam temporalidades diferenciadas.

A temporalidade ou tempo histórico se identifica com o tempo da experiência, ou seja, é marcado pela subjetividade. Por outro lado, o tempo cronológico é identificado com o tempo do relógio, portanto abstrato.¹²

As temporalidades que coexistiam em Rondonópolis, no entanto, não destruíam a separação entre dois momentos da urbanização, mas os redimensionavam na compreensão do processo de expansão da propriedade privada da terra.

Os dois momentos da urbanização de Rondonópolis são bastante díspares, um em que era um simples povoado, com poucas edificações,

algumas ruas e a vida dos moradores bastante vinculada ao rural; e o outro momento em que Rondonópolis era já uma cidade, com vários loteamentos, ampla área loteada e com edificações e bastante separada do rural.

Era então necessário compreender a urbanização de Rondonópolis nessa transição de povoado a cidade e de rural a urbano. No entanto a compreensão da urbanização de Rondonópolis, na transição de povoado a cidade e de rural a urbano, não podia olvidar essa coexistência de temporalidades diferenciadas. Nesse sentido, vale ressaltar que, nessas transições, não se pode considerar que a urbanização tenha dois momentos distintos e separados, constituídos cada um deles com características particulares e puras, já que há a existência de temporalidades diferenciadas.

A existência de várias temporalidades em um mesmo tempo cronológico é muito bem explícito quando se tem a presença do camponês, ainda existente nas pequenas propriedades; do pequeno agricultor próspero produzindo para o mercado; do grande empresário rural, produzindo em grandes propriedades e com ampla mecanização; do índio Bororo integrado, mas não assimilado; do grande proprietário de terra, interessado no ganho com a comercialização da terra; e do pistoleiro a seu mando.

A transição de povoado a cidade não se deu de um dia para o outro, foi se gestando desde a chegada de migrantes goianos, em 1902, até o início da década de 60.

O período que se estende do final da década de 40 até o início da de 60 é o momento de transição na forma de apropriação da terra. Em vez de doação de terras, passa a predominar a compra e venda, ou seja, a mercantilização como forma de apropriação privada.

A transição de povoado a cidade vai se constituindo no período em que o aglomerado foi adensando suportes, tanto alguns que já existiam, como pequenas casas comerciais, olarias, escolas e caminhos, quanto desenvolve novos, como as revendedoras de máquinas agrícolas, a ampliação e melhoria dos caminhos, construção de pontes e abertura de agências bancárias. O adensamento desses suportes foram fundamentais para a realização e circulação das atividades agrárias. Esse período em que o aglomerado de Rondonópolis está adensando esses suportes, considere-o ainda como povoado.

12 - Paulo Roberto Arruda de Menezes, A questão do herói-sujeito em *Cabra marcado para morrer*, filme de Eduardo Coutinho, *Tempo Social*, São Paulo, FFLCH-USP, 6(12):107-26, Junho de 1995, p.112.

No entanto, é necessário salientar que a transição povoado-cidade só pode ser compreendida na intrínseca relação que há entre agricultura e urbanização — que uma visão dualista (campo-cidade) não consegue abarcar —, já que as atividades agrárias só podem se desenvolver com os suportes adensados na aglomeração. Essa compreensão da cidade enquanto materialização das condições gerais de produção e consumo foi utilizada por Sandra Lencioni para o estudo da urbanização em área agrícola; em que reconheceu que para a reprodução ampliada do capital é fundamental a existência da cidade¹³.

A constituição das condições gerais de produção e reprodução do capital se gestou, então, na transição de povoado a cidade, que só foi possível com o desenvolvimento da divisão do trabalho entre campo e cidade e o desenvolvimento da relação cidade-campo; fomentados pela capitalização das relações sociais.

A transformação nas relações sociais de produção está intimamente relacionada à expansão da propriedade privada da terra. Dessa forma, a divisão do trabalho que foi se constituindo na expansão da propriedade privada da terra, contribuiu para a separação entre o campo e a cidade.

A expansão da propriedade privada possibilitou a transformação da terra em mercadoria, tanto na cidade, quanto no campo. Isso corrobora a interpretação de que o processo de urbanização, ao invés de separar o rural e o urbano, une-os na discussão da propriedade privada da terra.

Tal discussão tinha em seu bojo a análise da atuação administrativa do Estado, grande responsável pela integração econômica e política de Mato Grosso, em especial da porção Centro-Leste, já que é o Estado que integra os espaços, possibilitando a expansão do capital e da propriedade privada da terra.

A integração da porção Centro-Leste de Mato Grosso — atualmente Sudeste do estado — foi de suma importância para a transição de povoado a cidade de Rondonópolis, pois só assim ocorreu a

ampliação da produção de excedentes, necessária para a divisão do trabalho entre campo e cidade, que só é possível a partir do momento em que o sistema produtivo gera um excedente para além das necessidades de consumo imediato. No entanto, conforme assegura Paul Singer, não somente a produção de um excedente alimentar possibilita o surgimento da cidade, mas é necessário que se criem instituições sociais, uma relação de dominação e de exploração, que se assegure a transferência do excedente do campo à cidade¹⁴.

Assim, a distinção entre campo e cidade acontece a partir do momento em que há um excedente de produção agrária, sem esse excedente não haveria possibilidade de manter alguns moradores do aglomerado desenvolvendo atividades não agrárias. Mas para que esse excedente seja transferido para o aglomerado, foi necessário que houvesse instituições sociais que viabilizem essa transferência, tais como a prefeitura, a Escola e a Igreja.

Dessa forma, pode-se distinguir dois momentos da urbanização, um em que o aglomerado é um povoado, e outro em que já é cidade, pois só há cidade quando há divisão do trabalho entre campo e cidade, já que no momento de sua produção, a cidade não pode surgir com uma atividade produtiva própria¹⁵.

Em resumo, posso então afirmar que a transição de povoado a cidade foi se gestando no adensamento de suportes necessários à realização de atividades agrárias, bem como na constituição da divisão do trabalho entre campo e cidade e no estabelecimento de atividades explicitamente urbanas.

No entanto, a gênese da cidade de Rondonópolis não se desvincula, também, de seu contexto regional: a realidade mato-grossense. Dessa forma, para se compreender a determinação da produção da cidade de Rondonópolis foi necessário adentra-me um pouco na história do estado de Mato Grosso, já que para ocorrer a integração econômica foi necessária a integração política dessas terras. Além do mais, o capital não chega apenas em Rondonópolis, mas em todas as terras mato-grossenses, que foram ocupadas, inicialmente, por luso-brasileiros, com incentivo e

13 - Sandra Lencioni, *Agricultura e urbanização: A capitalização no campo e a transformação da cidade — Jardinópolis, o estudo de um lugar*, São Paulo, FFLCH-USP, 1985; Sandra Lencioni, *Agricultura e urbanização: A intensificação do capital no campo e a nova relação rural urbano no estado de São Paulo*, *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, USP, (4):41-51, 1985.

14 - Paul Singer, *Economia política da urbanização*, São Paulo, Brasiliense, 1990, p.13.

15 - Paul Singer, *op. cit.*, p.13.

apelo da Coroa portuguesa, interessada na expansão de seu domínio no continente americano sobre terras pertencentes ao domínio espanhol após o final do século XV.

As descobertas de veios auríferos, no começo do século XVIII, contribuíram para que se aglomerassem as atividades extrativas e os primeiros moradores.

Dessa forma, interesses geopolíticos da Coroa portuguesa, aliados à busca de trabalho na extração aurífera e de enriquecimento com essa atividade conduziram à gênese das primeiras aglomerações no século XVIII. Nesse momento, a extração diamantífera contribuiu, ainda, para o surgimento de aglomerações.

No entanto, com a crise da extração aurífera e diamantífera, no final do século XVIII, os moradores da capitania de Mato Grosso desenvolveram outras atividades extrativas, bem como algumas atividades produtivas subsidiárias àquelas.

É então, no final do século XVIII, que começam a se desenvolver a produção de aguardente e de açúcar, a produção pecuária de rebanhos e de charque, a extração de poaia, de látex e de erva-mate.

As riquezas extraídas ou produzidas em terras mato-grossenses, no entanto, precisavam ser transportadas para completarem o circuito da mercadoria. Os meios de transporte eram de suma importância.

No século XVIII e XIX, os meios de transporte mais utilizados foram o fluvial pelos rios Quaporé-Mamoré-Madeira-Amazonas, pelos rios Tiete-Paraná-Pardo-Taquari-Cuiabá e pelo rio Paraguai (via bacia do Prata); e o terrestre pelo caminho Cuiabá-Goiás. Já no século XX, começa a ser, também, utilizado o transporte ferroviário na circulação da produção de rebanhos e de charque.

Em resumo, posso afirmar que o entendimento da gênese e constituição dos aglomerados, no século XVIII e XIX, está fundado no desenvolvimento da atuação geopolítica e administrativa da Coroa portuguesa e posterior do Estado brasileiro, e no desenvolvimento de atividades extrativas e produtivas.

Já o entendimento da gênese e constituição dos aglomerados, no século XX, está fundado em uma nova determinação que passa a interferir no direcionamento dos fluxos migratórios para as terras mato-grossenses: a busca de terra de negócio e de

terra de trabalho.

A distinção entre terra de negócio e terra de trabalho foi cunhada por José de Souza Martins, para o qual a terra de negócio se caracteriza por ser instrumento de exploração do trabalho de outrem, ou para ser vendida por alto preço, com o objetivo de lucro, direto ou indireto; enquanto a terra de trabalho é aquela apossada pelo trabalhador, que nela se dedica para retirar o seu sustento e de seus familiares.¹⁶

Essa nova determinação da ocupação das terras mato-grossenses teve sua origem na Lei de Terras de 1850, com a qual se estabelece, na voz de Roberto Smith¹⁷, a possibilidade da absolutização da propriedade fundiária, com a qual se condiciona a existência da propriedade mercantil da terra.

Quanto a Rondonópolis, a propriedade jurídica da terra não se estabeleceu como predominante desde a chegada dos primeiros moradores do aglomerado, surgido às margens do rio Vermelho, ou seja, a forma de apropriação predominante nesse momento de fixação foi o da posse da terra, sendo que o confronto entre os migrantes interessados em terra de negócio e os migrantes interessados em terra de trabalho só vai existir quando as terras vão sendo fechadas a novos migrantes interessados em terra de trabalho que vão chegando.

Nessa transição do predomínio do uso privado de terras devolutas para a propriedade privada da terra, também, começam a se constituir as bases para que o aglomerado reunisse condições para assegurar o desenvolvimento das atividades agrárias.

Foi, também, ocorrendo a melhoria e ampliação dos meios de transporte, o crescimento da produção agrária, a constituição de relações comerciais mais estáveis, expansão e aumento no tamanho das casas comerciais, a migração do capital agrário e comercial para a constituição do mercado imobiliário, o aumento do ritmo de expansão urbana, a abertura de agências bancárias e de

16 - José de Souza Martins, *Expropriação e violência: a questão política no campo*, São Paulo, Hucitec, 1991, p.45.

17 - Roberto Smith, *Propriedade da terra e transição: Estudo da formação da propriedade privada da terra e transição para o capitalismo no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1990.

revendedoras de máquinas agrícolas, e a construção de lugares destinados ao lazer; ocorrendo, então, a transição de povoado a cidade e de rural a urbano.

A capitalização ocorreu, tanto no campo, quanto na cidade, criando novas condições para dar continuidade ao ciclo de reprodução ampliada do capital.

Com a instalação e desenvolvimento dessa lógica capitalista, não só o lugar se transformou, mas também o modo de vida dos moradores de Rondonópolis. Na cidade, os moradores não mais passeiam montados a cavalo, raramente fazem serenatas, poucos se visitam para um cafezinho e

um pedaço de bolo, os rios não são mais lugares sadios para o descanso e a recreação, as galinhas já não mais ciscam pelas ruas, a chuva não faz mais tanta lama, as carroças não são mais um meio de transporte de grande valia. O movimento do aglomerado, agora, é marcado pelo uso do dinheiro, pelo trânsito de carros, pelo asfaltamento de grande parcela das ruas, por danceterias, por festas de grande porte que transformaram tradições folclóricas em mercadoria.

A expansão da propriedade privada transformou o povoado em cidade e produziu a transição do rural ao urbano.

Bibliografia

- LÉFÈBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona, Península, 1975.
- LENCIONI, Sandra. *Agricultura e urbanização; A capitalização no campo e a transformação da cidade — Jardinópolis, o estudo de um lugar*. São Paulo, FFLCH-USP, 1985.
- LENCIONI, Sandra. *Agricultura e urbanização; A intensificação do capital no campo e a nova relação rural urbano no estado de São Paulo*. *Revista do Departamento de Geografia*. São Paulo, USP, (4):41-51, 1985.
- MARTINS, José de Souza. *A reprodução do capital na frente pioneira e o renascimento da escravidão no Brasil*. *Tempo Social*. São Paulo, FFLCH-USP, 6(1-2):1-25, junho de 1995.
- MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo, Pioneira, 1975.
- MARTINS, José de Souza. *Expropriação e violência; a questão política no campo*. São Paulo, Hucitec, 1991.
- MARTINS, José de Souza. *O tempo da fronteira — Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira*. *Tempo Social*. São Paulo, FFLCH-USP, 8(1)25-70, maio de 1996.
- MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. *A questão do héroi-sujeito em Cabra marcado para morrer*, filme de Eduardo Coutinho. *Tempo Social*. São Paulo, FFLCH-USP, 6(1-2):107-26, junho de 1995.
- MONBEIG, Pierre. *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo, Martins, 1940.
- MONBEIG, Pierre. *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo, Difel, 1957.
- MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1984.
- SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- SMITH, Roberto. *Propriedade da terra e transição; Estudo da formação da propriedade privada da terra e transição para o capitalismo no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- TESORO, Luci Léa Lopes Martins. *Rondonópolis-MT: um entroncamento de mão única; O processo de povoamento e de crescimento de Rondonópolis na visão dos pioneiros (1902-1980)*. São Paulo, FFLCH-USP, 1993. 2.v. (Tese de Doutorado).
- VELHO, Otávio Guilherme. *Frentes de expansão e estrutura agrária; Estudo do Processo de Penetração numa Área da Transamazônica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- WAIBEL, Leo. *Capítulos de Geografia Tropical*. 2.ed. Rio de Janeiro, IBGE, 1979.

Endereço do autor: Rua da Reitoria, 109 - CRUSP - Bloco E - Apto. 407 e-mail: suzukjlc@usp.br
Cidade Universitária - São Paulo SP

(Este artigo foi apresentado, em 03.02.97, na sessão de defesa de dissertação de mestrado do autor, ocorrida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana. O curso de mestrado foi orientado pela Prof^a Dr^a Sandra Lencioni)